



Identidade! é licenciada  
sob uma Licença Creative Commons.

**A Voz e a Memória dos  
Escravos: *Úrsula*,  
de  
Maria Firmina dos Reis**

**The Slaves' Voice and  
Memory: *Úrsula*,  
By  
Maria Firmina dos Reis**

***Bárbara Loureiro Andreta***

Graduada em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), e em Psicologia pelo Centro Universitário Franciscano de Santa Maria (UNIFRA). Acadêmica do Curso de Letras/Espanhol – Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Bolsista PIVIC (Programa Institucional de Voluntário em Iniciação Científica) no projeto de pesquisa *Ressonâncias e dissonâncias no romance lusófono contemporâneo*, sob a orientação do Prof. Dr. Anselmo Peres Alós.

***Anselmo Peres Alós***

Orientador. Doutor em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professor Adjunto no Departamento de Letras Vernáculas da UFSM. Professor do Programa de Pós-Graduação em Letras, na mesma instituição.

**Resumo:**

O romance *Úrsula*, escrito pela maranhense Maria Firmina dos Reis, teve sua primeira publicação em 1859, voltando a ser estudado na década de 1970 a partir da publicação de sua edição *fac-similar* por Horácio de Almeida. *Úrsula* foi o primeiro romance de autoria afrodescendente da literatura brasileira, o qual se apresenta como pioneiro no tratamento da escravidão, visto que esta é narrada a partir da perspectiva dos escravos. Neste romance, a autora dá voz para que relatem, a partir de suas memórias (não só de sua terra natal, mas da travessia até chegar ao Brasil), a violência a que os escravos eram submetidos.

**Palavras-chave:** *Úrsula*. Escravidão. Voz e memória.

**Abstract:**

The novel *Úrsula*, written by Maria Firmina dos Reis, was first published in 1859, and came to be studied in the 1970s, from the publication of the facsimile edition by Horácio de Almeida. *Úrsula* was the first novel written by an afro descendant in the Brazilian literature, which presents itself as a pioneer in the treatment of slavery, as it is narrated from the perspective of the slaves. In this novel, the writer gives voice to the slaves and they report their memories (not only about their homeland, but also about the crossing to get to Brazil), the violence that slaves were submitted to.

**Keywords:** *Úrsula*. Slavery. Voice and memory.

Maria Firmina dos Reis nasceu em São Luís, no Maranhão, em 11 de outubro 1825 e morreu em 1917. Ao longo dos seus 92 anos de vida, Maria Firmina dos Reis teve uma participação importante como cidadã e intelectual, tendo atuado como folclorista e compositora, além de ter

escrito em 1859 o romance *Úrsula* (uma obra que aborda a escravidão a partir do ponto de vista dos escravos), o romance de temática indianista *Gupeva* (1861) e o conto “A escrava”, que foi publicado em 1887, no auge da campanha abolicionista<sup>1</sup>.

Maria Firmina dos Reis era mulata, bastarda, e não pertencia a uma família opulenta, e foi a primeira voz feminina que registrou a temática do negro com a publicação da obra *Úrsula*, em 1859<sup>2</sup>. Na primeira edição de *Úrsula*, a autora omitiu seu nome tanto na capa quanto na folha de rosto da obra, utilizando o pseudônimo “Uma Maranhense”, o que era comum em uma época em que as mulheres viviam submetidas a inúmeras limitações e preconceitos. O resultado da ausência do nome, aliada à indicação de autoria feminina, a sua procedência da distante província nordestina e o tratamento inovador dado pela autora à temática da escravidão, foram a cortina de silêncio que envolveu a autora ao longo de mais de um século<sup>3</sup>.

No prólogo<sup>4</sup> de *Úrsula*, a autora afirma que

Não é a vaidade de adquirir nome que me cega, nem o amor próprio de autor. Sei que pouco vale este romance, porque escrito por uma mulher e mulher brasileira, de educação acanhada e sem o trato e conversação dos homens ilustrados, que aconselham, que discutem e que corrigem, com uma instrução misérrima, apenas conhecendo a língua de seus pais, e pouco lida; o seu cabedal intelectual é quase nulo<sup>5</sup>.

É deste lugar intermediário, mais próximo da pobreza do que da riqueza, que Maria Firmina dos Reis levanta sua voz, ao publicar *Úrsula*, o qual chama de “mesquinho e humilde livro”. Já no prólogo da obra, o território cultural que embasa o projeto do romance fica estabelecido. Em 1859, época em que a prosa de ficção dava seus primeiros passos, Maria Firmina dos Reis aponta o caminho do romance romântico como atitude política de denúncia de injustiças há séculos presente na sociedade patriarcal brasileira, que tinha os escravos e as mulheres como suas principais vítimas<sup>6</sup>.

Desta forma, exercício da escrita foi, para as mulheres do século XIX, uma forma de romper os limites entre o privado e o público, destacando-se que o espaço privado era o único local aceitável para uma mulher. O ato de escrever, no caso das mulheres, de uma maneira geral, mas especificamente no caso de uma mulher subalternizada como Maria Firmina dos Reis, adquiria o valor de uma transgressão simbólica que ultrapassava os limites sociais acordados por uma sociedade conservadora e escravocrata. Assim, para Maria Firmina dos Reis, escrever *Úrsula*

---

<sup>1</sup> DUARTE, Eduardo Assis. Posfácio. In: REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula*. 4. ed. Atualização do texto e posfácio de Eduardo de Assis Duarte. Florianópolis: Mulheres; Belo Horizonte: PUC-Minas, 2004. p. 265-281.

<sup>2</sup> OLIVEIRA, Adriana Barbosa. *Gênero e etnicidade no romance Úrsula, de Maria Firmina dos Reis*. 2007. 107f. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, MG, 2007.

<sup>3</sup> DUARTE, 2004, p. 267.

<sup>4</sup> REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula*. 4. ed. Atualização do texto e posfácio de Eduardo de Assis Duarte. Florianópolis: Mulheres; Belo Horizonte: PUC-Minas, 2004.

<sup>5</sup> REIS, 2004, p. 13.

<sup>6</sup> DUARTE, 2004, p. 268.

significou um duplo movimento, que oscilou entre a realização da obra, enquanto arte, e o ato político<sup>7</sup>.

*Úrsula* antecipa a obra do poeta abolicionista Casto Alves (cuja produção vai de 1876 a 1883); a obra *Vítimas-algozes* (1869), de Joaquim Manoel de Macedo e *A escrava Isaura* (1875), de Bernardo Guimarães, desconstruindo, assim, a primazia do abolicionismo branco, masculino e senhorial e construindo, para si mesma, o lugar da *literatura afro-brasileira*, ao estabelecer uma diferença discursiva que contrastava em profundidade com o abolicionismo hegemônico na literatura brasileira de seu tempo<sup>8</sup>. O mérito de Maria Firmina dos Reis deve-se ao fato de ser o primeiro romance de autoria afrodescendente, recuperado do esquecimento por parte da historiografia literária brasileira em função da edição fac-similar preparada por Horácio de Almeida e vinda a público em 1975, mesmo ano em que Nascimento Morais Filho publicou o volume *Maria Firmina, fragmentos de uma vida*.

É na condição de mulher e afro-brasileira que Maria Firmina propõe-se a narrar a história da jovem Úrsula e de sua mãe, além dos infortúnios de Tancredo, traído pelo seu próprio pai, bem como a tragédia dos escravos Túlio, Susana e Antero, os quais recebem, no texto, um tratamento marcado pelo *ponto de vista interno*, pautado por uma profunda fidelidade à história oculta da diáspora africana no Brasil. Em *Úrsula*, observa-se uma solidariedade para com o oprimido, o que também é verificado no conto “A escrava”. Esta solidariedade é absolutamente inovadora se comparada à existente em outros romances abolicionistas do século XIX, pois esta nasce de uma perspectiva *outra*, através da qual a autora, irmanada aos cativos e aos seus descendentes, expressa, através da ficção, o seu pertencimento a este universo de cultura<sup>9</sup>.

*Úrsula* é uma narrativa marcada por desencontros, ilusões e decepções, tendo como principal diferencial um desfecho fatídico e infeliz, contrastando com os finais felizes esperados para as narrativas da época, para que agradassem ao público feminino<sup>10</sup>. O romance traz a história da jovem Úrsula que, aprisionada por um tio mesquinho em uma fazenda falida no nordeste do Maranhão, vê-se envolvida em uma tragédia familiar e amorosa: sua mãe é doente e depende de seus cuidados e o grande amor de sua vida, Tancredo, é assassinado pelo tio que, na verdade, a ama e deseja desposá-la. Sobre o ar ainda há a suspeita de que o tio tenha roubado e matado o pai da protagonista do romance, fato que atormentará Úrsula durante toda a novela. A escravidão é o cenário social do enredo<sup>11</sup>.

Destaca-se que, em *Úrsula*, Maria Firmina dos Reis traz a escravidão como algo “odioso”, mas nem por isso endurece a sensibilidade do jovem negro, o que seria uma chave para

<sup>7</sup> TAVARES, Eleusa Diana Almeida. Literatura e história no romance feminino do Brasil no século XIX: *Úrsula*. In: XII SEMINÁRIO NACIONAL MULHER E LITERATURA E III SEMINÁRIO INTERNACIONAL MULHER E LITERATURA, 2007. Ilhéus, BA. *Anais...* Ilhéus, BA: Universidade Estadual de Santa Cruz, 2007.

<sup>8</sup> DUARTE, 2004, p. 279.

<sup>9</sup> DUARTE, 2004, p. 269.

<sup>10</sup> MENDES, Algemira Macêdo. O discurso antiescravagista em *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis. *Cerrados*, Brasília (UnB), v. 20, n. 3, p. 75-92, 2011.

<sup>11</sup> MONTEIRO, Maria do Socorro de Assis. O subterrâneo intimismo de *Úrsula*: uma análise do romance de Maria Firmina dos Reis. *Letrônic@*, Porto Alegre (PUCRS), v. 2, n. 1, p. 361-38, 2009. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/viewFile/5100/4056>>. Acesso em: 13 maio 2012.

compreender a estratégia autoral de denúncia e combate ao regime sem agredir em demasia as convicções dos leitores brancos. Um exemplo seria Túlio, que é uma vítima, não um algoz, e sua revolta se faz no seu silêncio, já que Túlio não tem meios para confrontar o poder dos senhores. O comportamento de Túlio pauta-se em valores cristãos, apropriados pela autora com o objetivo de melhor pregar suas ideias<sup>12</sup>:

Senhor Deus! Quando calará no peito do homem a tua sublime máxima – ama a teu próximo como a ti mesmo – e deixará de oprimir com tão repreensível injustiça ao seu semelhante!... a aquele que também era livre no seu país... aquele que é seu irmão?! E o mísero sofria; porque era escravo, e a escravidão não lhe embrutecera a alma; porque os sentimentos generosos, que Deus lhe implantou no coração, permaneciam intactos, e puros como sua alma. Era infeliz; mas era virtuoso; e por isso seu coração enterneceu-se em presença da dolorosa cena, que se lhe ofereceu à vista<sup>13</sup>.

A estratégia discursiva de fazer da escrita literária uma possibilidade de dar voz para os antepassados é usada por Maria Firmina dos Reis em *Úrsula*. A autora abre espaço para que uma personagem secundária assuma a focalização<sup>14</sup>, retratando a questão da escravidão sob o ponto de vista dos próprios escravos. Susana relata sua vida na África, terra onde era livre e vivia com seu esposo e com sua filha, traçando através da voz e da memória o mesmo caminho que os negros escravizados trilhavam até chegar ao Brasil<sup>15</sup>:

Ainda não tinha vencido cem braças de caminho, quando um assobio, que repercutiu nas matas, me veio orientar acerca do perigo iminente, que aí me aguardava. E logo dois homens apareceram, e amarraram-me com cordas. Era uma prisioneira – era uma escrava! Foi em balde que supliquei em nome da minha filha, que me restituíssem a liberdade: os bárbaros sorriam-se de minhas lágrimas, e olhavam-me sem compaixão [...] Meteram-me a mim e a mais trezentos companheiros de infortúnio e de cativo no estreito e infecto porão de um navio. Trinta dias de cruéis tormentos, e de falta absoluta de tudo quanto é necessário à vida passamos nessa sepultura até que abordamos as praias brasileiras. Para caber a *mercadoria humana* no porão fomos *amarrados* em pé para que não houvesse receio de revolta, acorrentados como animais ferozes das nossas matas que se levam para recreio dos potentados da Europa<sup>16</sup>.

Susana faz esta narração a Túlio, recém-alforriado, salientando a impossibilidade de ser completamente livre em uma terra escravocrata. Para Susana, o único lugar no qual o signo “liberdade” faz algum sentido são as terras africanas, de onde ela foi arrancada<sup>17</sup>:

- Túlio, - continuou – não sabes quanto sofro quando recordo-me de que nossa querida menina vai tão breve ficar só no mundo! Só, Túlio! Quem a acompanhará? quem poderá

<sup>12</sup> MENDES, 2006, p. 99.

<sup>13</sup> REIS, 2004, p. 23.

<sup>14</sup> O narrador e a focalização determinam o que se conhece por narração, visto que a questão do narrador e a questão da focalização estão acopladas. O narrador é a instância que define as características específicas do texto, a partir das diferentes maneiras pelas quais pode ter sua presença indicada neste. A focalização, por sua vez, insere-se no âmbito da história, enquanto o narrador pertence ao âmbito do texto e das técnicas narrativas. É através da focalização que se pode apreender de onde o narrador fala, bem como quais são os juízos de valor que ele assevera. Cf. ALÓS, Anselmo Peres. *A letra, o corpo e o desejo: masculinidades subversivas no romance latino-americano*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2013.

<sup>15</sup> ALÓS, Anselmo Peres. Histórias entrelaçadas: redes intertextuais em narrativas afro-brasileiras. *Cerrados*, Brasília (Unb), v. 20, n. 31. p. 107-122, 2011. Disponível em: <<http://seer.bce.unb.br/index.php/cerrados/article/view/8255/6252>>. Acesso em: 16 mar. 2013.

<sup>16</sup> REIS, 2004, p. 116-117. Grifos da autora.

<sup>17</sup> ALÓS, 2011, p. 117.

consolá-la! Eu? Não. Pouco poderei demorar-me neste mundo. Meu filho, acho bom que não te vás. Que te adianta trocares um cativo por outro! E sabes tu se ao o encontrarás melhor? [...]

- Oh! Quanto a isso não, mãe Susana – tornou Túlio – [...]. Não troco cativo por cativo, oh, não! troco escravidão por liberdade, por ampla liberdade! [...]

- Tu! Tu livre? ah não me iludas! – exclamou a velha africana abrindo uns grandes olhos. Meu filho, tu és já livre?...<sup>18</sup>

O escravo alforriado Túlio traz a consciência que a escravidão restringe-se apenas ao corpo. Túlio demonstra ter muita sabedoria, apesar de ser um rapaz jovem e suas reflexões mostram as ideias de alguém que poderia ter se desenvolvido intelectualmente, mas que não fora em função da sua condição de escravo e da segregação que vivia. O jovem Túlio clama pela libertação de seu corpo e de toda a sua raça, porém, suas ideias deixam evidente que a escravidão restringia-se ao corpo e que sua alma e seu pensamento eram-lhe propriedades únicas e inexoráveis:

Oh! A mente isso sim ninguém a pode escravizar! Nas asas do pensamento o homem remonta-se aos ardentes sertões da África, vê os areais sem fim da pátria e procura abrigar-se debaixo daquelas árvores sombrias do oásis, quando o sol queima e o vento sopra quente e abrasador: vê a tamareira benéfica junto à fonte, que lhe amacia a garganta ressequida: vê a cabana onde nascera, e onde livre vivera! [...] porque a alma está encerrada nas prisões do corpo! Ela chama-o para a realidade, chorando, e o seu choro, só Deus compreende! Ela, não se pode dobrar, nem lhe pesam as cadeias da escravidão; porque é sempre livre, mas o corpo geme, e chora; porque está ligada a ele na vida por laços estreitos e misteriosos<sup>19</sup>.

Em *Úrsula*, Maria Firmina dos Reis aborda a temática da escravidão de uma forma inovadora. Através da obra literária, a autora teve uma atitude política de denúncia das injustiças vividas na sociedade patriarcal brasileira do século XIX, principalmente pelas mulheres e pelos escravos. Nesta obra, Maria Firmina dos Reis relata a escravidão sob o ponto de vista dos escravos, dando a estes voz para que pudessem relatar suas memórias não só da sua terra natal, mas da travessia até chegar ao Brasil, a violência a que os escravos eram submetidos em tal travessia e em terras brasileiras, e ainda, é usando a voz de uma escrava, que Maria Firmina dos Reis questiona a alforria, a possibilidade de ser “livre” em um país escravocrata como era o Brasil no século XIX.

Destaca-se que a inclusão ou exclusão de algumas obras do cânone literário não acontece de forma neutra ou sem interesses, mas em função de escolhas políticas, evidenciando o descrédito de obras e autores que não estão ligados às elites culturais, como foi o caso de *Úrsula*, obra que por uma combinação de fatores, tais como a autoria feminina, autoria afrodescendente, procedência de uma província distante e principalmente, a forma inovadora como a escravidão foi tratada, fizeram com que esta obra ficasse silenciada por tantos anos.

## Referências

ALÓS, Anselmo Peres. *A letra, o corpo e o desejo: masculinidades subversivas no romance latino-americano*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2013.

<sup>18</sup> REIS, 2004, p. 113-114

<sup>19</sup> REIS, 2004, p. 38.

\_\_\_\_\_. Histórias entrelaçadas: redes intertextuais em narrativas afro-brasileiras. *Cerrados*, Brasília (Unb), v. 20, n. 31. p. 107-122, 2011. Disponível em: <<http://seer.bce.unb.br/index.php/cerrados/article/view/8255/6252>>. Acesso em: 16 mar. 2013.

ALVES, Castro. *Obras completas de Castro Alves*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1921. v. 2.

DUARTE, Eduardo Assis. Posfácio. In: REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula*. 4. ed. Atualização do texto e posfácio de Eduardo de Assis Duarte. Florianópolis: Mulheres; Belo Horizonte: PUC-Minas, 2004. p. 265-281.

GUIMARÃES, Bernardo. *A escrava Isaura*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1976.

MACEDO, Joaquim Manoel de. *As vítimas-algozes: quadros da escravidão*. 3. ed. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa; São Paulo: Scipione, 1991.

MENDES, Algemira Macêdo. O discurso antiescravagista em *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis. *Cerrados*, Brasília (UnB), v. 20, n. 31, p. 75-92, 2011.

\_\_\_\_\_. *Maria Firmina dos Reis e Amélia Beviláqua na história da literatura brasileira: representação, imagens e memórias nos séculos XIX e XX*. 2006. 282f. Tese (Doutorado em Linguística e Letras). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUC-RS, Porto Alegre, 2006.

MORAIS FILHO, José Nascimento. *Maria Firmina: fragmentos de uma vida*. São Luiz: COCSN, 1975.

MONTEIRO, Maria do Socorro de Assis. O subterrâneo intimismo de *Úrsula*: uma análise do romance de Maria Firmina dos Reis. *Letrônic@*, Porto Alegre (PUCRS), v. 2, n. 1, p. 361-380, 2009.

OLIVEIRA, Adriana Barbosa. *Gênero e etnicidade no romance Úrsula, de Maria Firmina dos Reis*. 2007. 107f. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, MG, 2007.

REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula*. 2. ed. Impressão fac-similar. Prólogo de Horácio de Almeida. Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica Editora LTDA, 1975.

\_\_\_\_\_. *Úrsula*. 3. ed. Organização, atualização e notas por Luiza Lobo. Introdução de Charles Martin. Rio de Janeiro: Presença; Brasília: INL, 1988.

\_\_\_\_\_. *Úrsula*. 4. ed. Atualização do texto e posfácio de Eduardo de Assis Duarte. Florianópolis: Mulheres; Belo Horizonte: PUC-Minas, 2004.

\_\_\_\_\_. A escrava. *Revista Maranhense*, Ano 1, n. 3, novembro de 1887, *apud* Moraes Filho, *Op.cit.*

\_\_\_\_\_. Gupeva: romance brasiliense. In: MORAIS FILHO, José Nascimento. *Maria Firmina: fragmentos de uma vida*. São Luís: Imprensa do Governo do Maranhão, 1975. p. 103-134.

\_\_\_\_\_. *Cantos à beira-mar*. São Luis: Governo do Estado do Maranhão, 1871.

\_\_\_\_\_. Hino à liberdade dos escravos. In: FARIA, Antônio Augusto Moreira de; PINTO, Rosalvo Gonçalves (Orgs.). *Poemas brasileiros sobre trabalhadores: uma antologia de domínio público*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2011. p. 53.

TAVARES, Eleusa Diana Almeida. Literatura e história no romance feminino do Brasil no século XIX: *Úrsula*. In: XII SEMINÁRIO NACIONAL MULHER E LITERATURA E III SEMINÁRIO INTERNACIONAL MULHER E LITERATURA, 2007. Ilhéus, BA. *Anais...* Ilhéus, BA: Universidade Estadual de Santa Cruz, 2007.